

Dor crônica em universitários: parte 1: prevalência e fatores associados

Chronic pain in college students: part 1: prevalence and associated factors

Clara Vanessa de Farias Nery



claravanessadef.n@gmail.com

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Parnaíba, Piauí, Brasil.

Jueline da Silva Santos



juelinesilva@hotmail.com

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Parnaíba, Piauí, Brasil.

Bruna Beatriz de Sousa Teixeira



brunabeatriiz18@gmail.com

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Parnaíba, Piauí, Brasil.

Antonia Cristina Silva dos

Santos



antoniacristinaacss@gmail.com

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Parnaíba, Piauí, Brasil.

Thainara Machado Veras



thainaraveras123@gmail.com

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Parnaíba, Piauí, Brasil.

Larissa Torquato de Carvalho



larissatorquatodcarvalho@gmail.com

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Parnaíba, Piauí, Brasil.

Fuad Ahmad Hazime



fuad@ufpi.edu.br

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Parnaíba, Piauí, Brasil.

RESUMO

OBJETIVO: Estimar a prevalência de dor crônica em universitários e avaliar possíveis fatores associados.

MÉTODOS: Estudo transversal descritivo e analítico. Estudantes de universidades públicas (n=2) e privadas (n=2) responderam a um questionário não estruturado para identificação de queixas de dores persistentes com características de cronicidade (≥ 3 meses de duração) e clinicamente importantes (intensidade dor crônica ≥ 4 – escala numérica de dor 0-10).

RESULTADOS: Atenderam aos critérios de seleção 702 universitários, e foram incluídos no estudo. A média de idade foi de 22,2 anos (DP=5,2 anos) com predominância do sexo feminino (n=465) e oriundos de instituições públicas (n=547). A maioria dos estudantes relataram queixas de dores (n=571), sendo 64% (n=450) com características temporais de cronicidade e 87,1% (n=392) relataram intensidades clinicamente relevantes ($6,3 \pm 1,7$). Foram identificados altos índices de absenteísmo (40,8%) e presenteísmo (56,9%) em decorrência de dores crônicas, principalmente na coluna lombar. A intensidade da dor foi significativamente maior nos estudantes do sexo feminino em relação ao masculino ($6,5 \pm 1,7$ vs $5,9 \pm 1,5$). Idade, período do curso, tempo de dor e estratégia de ensino-aprendizagem não apresentaram associações significativas.

CONCLUSÕES: Estudantes universitários apresentam alta prevalência de dor crônica, mais frequente no sexo feminino e região lombar, com magnitudes clinicamente importantes. A população universitária apresenta alta taxa de absenteísmo e de presenteísmo relacionado às queixas de dor, porém sem associação da dor com a estratégia de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: prevalência; dor crônica; estudante.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To estimate the prevalence of chronic pain in college students and to evaluate possible associated factors.

METHODS: Descriptive and analytical cross-sectional study. Students from public (n=2) and private (n=2) universities answered to an unstructured questionnaire applied to identify complaints of persistent pain with chronicity characteristics (≥ 3 months in duration) and clinically important (chronic pain intensity ≥ 4 , assessed by the numerical rating scale 0-10).

RESULTS: The study included 702 college students who fit the criteria for inclusion. The majority of participants were female (n=465) and came from public institutions (n=547), with an average age of 22.2 years (SD=5.2 years). The majority of students (n=571) reported pain complaints; of these, 64% (n=450) had chronic temporal characteristics, and 87.1% (n=392) reported pain complaints with clinically significant magnitudes (6.3 1.7). Chronic pain was found to be a major contributor to high rates of presenteeism (56.9 percent) and absenteeism (40.8 percent), particularly in the lumbar spine. Students who were female reported considerably more pain than students who were male (6.5 1.7 vs. 5.9 1.5). Age, the length of the course, the severity of the pain, and the teaching-learning technique did not show any significant correlations.

CONCLUSIONS: There is a high frequency of chronic pain among college students, with clinically significant magnitudes being more common in females and in the lumbar area. Although there is a significant percentage of presenteeism and absenteeism among students at universities due to pain complaints, there is no connection between pain and the teaching-learning approach.

KEYWORDS: prevalence; chronic pain; student.

Correspondência:

Fuad Ahmad Hazime

Avenida São Sebastião, número
2819, Nossa Senhora de Fátima,
Parnaíba, Piauí, Brasil.

Recebido: 25 jul. 2022.

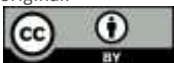
Aprovado: 30 ago. 2022.

Como citar:

NERY, C. V. de F. *et al.* Dor crônica em universitários: parte 1: prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, Ponta Grossa, v. 14, e15763, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/rbqv.v14.15763>. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/15763>. Acesso em: XXX.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste artigo, mesmo para fins comerciais, desde que atribuam o devido crédito pela criação original.



INTRODUÇÃO

A dor crônica é definida como uma dor que persiste além do tempo normal de cura (MERSKEY; BOGDUK, 1994), comportando-se como uma doença em si e não mais como apenas uma queixa sintomatológica (TREEDE *et al.*, 2019). Algumas evidências têm demonstrado que a dor crônica, independentemente de sua origem, está associada a importantes queixas de alterações no padrão de sono, apetite, libido, humor, diminuição da capacidade de concentração, restrições na capacidade para as atividades familiares, profissionais e sociais (KRELING; CRUZ; PIMENTA, 2006). Algumas estimativas têm apontado a prevalência de 19% na Europa (BREIVIK *et al.*, 2006), de 11 a 40% nos Estados Unidos (KUEHN, 2018) e de 33% nos países em desenvolvimento (JACKSON *et al.*, 2015). No Brasil, queixas persistentes de dor são frequentes em grande parte do território nacional, com taxas de prevalência variando entre 29,3 a 73,3% da população (VASCONCELOS; ARAÚJO, 2018). Embora diversos estudos tenham investigado a prevalência da dor crônica, muitas dessas pesquisas tiveram como público-alvo adultos jovens ou idosos, o que pode sugerir a ausência ou menor prevalência em populações mais jovens, como por exemplo, jovens universitários.

Dada às condições vivenciadas no ambiente universitário, onde muitas vezes há relações de competitividade, expectativas e aspirações profissionais, tensões socioculturais, ausência do convívio familiar, dificuldade financeira, mudanças no estilo de vida e propostas pedagógicas **tradicionais**, que sobrecarregam física e emocionalmente o estudante (MORETTI; HÜBNER, 2017; PÁDUA, 2012), é plausível que esta população seja suscetível a queixas de dores com características de cronicidade. De fato, alguns estudos têm apontado prevalências, locais de maior queixa e fatores de risco para dor em estudantes universitários similares à população geral. No entanto, a maioria destes estudos investigou prevalências de dores musculoesqueléticas, com ênfase na dor lombar, e em universitários de cursos da área da saúde (ALMHDAWI *et al.*, 2017; ALSHAYHAN; SAADEDDIN, 2018; CRAWFORD *et al.*, 2018; FALAVIGNA *et al.*, 2011; MORAIS; SILVA; SILVA, 2018). Tomados em conjunto, estes estudos encontraram prevalência de dor lombar variando de 56,3 a 77,9%, podendo estar associada ao ambiente universitário devido ao maior tempo de uso de computadores ou *tablets*, uso de mochilas pesadas ou mobílias desconfortáveis (ALSHAYHAN; SAADEDDIN, 2018). Fatores psicossociais também foram associados a maior risco de dores musculoesqueléticas como ansiedade, depressão e estresse (ALMHDAWI *et al.*, 2017). Em relação às características inerentes ao meio acadêmico, como por exemplo, área de conhecimento, período do curso (ano ou semestre) ou projeto pedagógico, poucos estudos identificaram estes fatores como risco para dor lombar (ALMHDAWI *et al.*, 2017; FALAVIGNA *et al.*, 2011; MORAIS; SILVA; SILVA, 2018).

A presença de altas taxas de prevalência de dores em universitários, similares ou até mesmo superiores em relação à população geral (CRAWFORD et al., 2018), sugerem subestimação das queixas de dor na população universitária. Especificamente sobre queixas de dores persistentes, com características de cronicidade, poucos estudos investigaram a sua prevalência em universitários (SILVA *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2011). Considerando os altos índices de incapacidades decorrentes das diversas condições de dor crônica, a identificação de sua prevalência e perfil estudantil podem fornecer importantes informações para guiar estratégias de prevenção e reabilitação mais eficazes nesta população. O objetivo do presente estudo foi estimar a prevalência de dor crônica em universitários e avaliar possíveis fatores associados.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal realizado em quatro universidades da cidade de Parnaíba/PI, incluindo públicas e privadas, onde os estudantes foram convidados a participar da pesquisa de três formas: comunicado durante as aulas, via sistema *intranet* disponível na universidade ou por meio de redes sociais. Os discentes foram informados sobre a pesquisa, seus objetivos e link do questionário eletrônico, onde assinalaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de dados ocorreu no período compreendido de junho de 2018 a julho de 2019. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (CEP/UFPI nº 2.445.816).

O cálculo amostral foi estimado de acordo com o número de alunos matriculados nas instituições de ensino superior (IES) do município de Parnaíba-PI, sendo duas IES públicas (Administração Federal e Estadual) e duas IES privadas. Considerando-se a população de 6.000 universitários, e adotando-se um intervalo de confiança e valor de precisão de 95% e $\pm 0,03$, respectivamente, o tamanho mínimo da amostra foi estimada em 700 universitários.

Os critérios de inclusão foram:

- a) idade maior que 18 anos;
- b) ambos os sexos;
- c) matrícula ativa em curso superior;
- d) apresentar queixa de dor persistente (duração ≥ 3 meses), com intensidade mínima de 4 em uma escala de avaliação numérica da intensidade da dor (EAN 0-10).

Indivíduos sem queixas de dor persistente ou que não preencheram corretamente o questionário eletrônico foram excluídos. As variáveis de desfecho foram: idade, sexo, curso, período, ocorrência de dor, tempo de duração, localização, intensidade, absentismo e presenteísmo.

ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados foram tabulados no software Microsoft Excel[®] versão 2010 para Windows. Realizaram-se análises descritivas das variáveis investigadas por meio de médias, frequências (absoluta e relativa) e desvios padrões. Testes t para amostras independentes foram utilizados para identificar diferenças nas médias entre grupos e subgrupos avaliados. Testes de correlação de Pearson foram utilizados para avaliar o grau de correlação entre as variáveis quantitativas. A associação entre variáveis qualitativas foi avaliada pelo teste qui-quadrado. Todos os dados foram analisados através do *software* IBM SPSS v.20 para o Windows. Nível de significância adotado foi de $p < 0,05$.

RESULTADOS

Responderam aos questionários 859 universitários. No entanto, 157 respostas (18,3%) foram excluídas devido ao preenchimento incorreto do questionário. Assim, 752 universitários atenderam aos critérios de seleção e foram incluídos no estudo. A média de idade foi de 22,2 anos (DP=5,2) com predominância do sexo feminino (n=465) e oriundos de IES públicas (n=547).

A maioria dos estudantes relataram queixas de dores (n=571), sendo 64% (n=450) com características temporais de cronicidade. Quando se avaliou a intensidade da dor nestes estudantes, 87,1% (n=392) apresentaram intensidades ≥ 4 e magnitudes clinicamente relevantes ($6,3 \pm 1,7$; EAN=0 -10).

A prevalência de dores crônicas (tempo ≥ 3 meses, EAN ≥ 4) na população universitária foi de 55,8% ($p=392/702 \times 100$), sendo no sexo feminino maior (60,6%, $p=282/465 \times 100$) do que no sexo masculino (46,4%, $p=110/237 \times 100$). A razão de prevalência (rp=prevalência feminina/prevalência masculina) foi de 1,3. A prevalência de dores crônicas na população universitária de instituições de ensino superior públicas foi de 55,3% ($p=302/546 \times 100$), enquanto nas instituições privadas foi 57,7% ($p=90/156 \times 100$). A razão de prevalência (rp=prevalência instituição privada/instituição pública) foi de 1,04.

Em relação ao absenteísmo e ao presenteísmo universitário decorrente de dores crônicas, 40,8% (n=160/392) e 56,9% (n=223/392) dos estudantes relataram ausência de pelo menos um dia de aula e interferência negativa da dor nas atividades acadêmicas, respectivamente. As características dos participantes, estratificadas por faixa etária e área de conhecimento estão descritas nas Tabelas 1 e 2, respectivamente. A Tabela 3 descreve as características pedagógicas dos cursos estratificadas por área de conhecimento.

Tabela 1 – Características clínicas dos participantes estratificada por faixa etária (continua)

	18-24 anos (n=312)	25-29 anos (n=50)	30-35 anos (n=16)	>35 (n=14)
Sexo F n(%)	229 (73,4)	35 (70)	11 (68,8)	7 (50)
Queixas de dor n(%)				
Cabeça	79 (25,3)	10 (20,0)	3 (18,8)	3 (21,4)
Pescoço	31 (9,9)	5 (10,0)	3 (18,8)	2 (14,3)
Tórax	6 (1,9)	2 (4,0)	-----	-----
Ombro	30 (9,6)	2 (4,0)	2 (12,5)	1 (7,1)
Cotovelo	-----	-----	-----	-----
Punho e dedos	3 (0,96)	2 (4,0)	0 (0,0)	-----
Lombar	111 (35,6)	13 (26,0)	5 (31,3)	2 (14,3)
Quadril	7 (2,2)	2 (4,0)	1 (6,3)	2 (14,3)
Joelho	15 (4,8)	3 (6,0)	0 (0,0)	1 (7,1)
Pé e tornozelo	9 (2,9)	4 (8,0)	0 (0,0)	2 (14,3)
Outros	21 (6,7)	7 (14,0)	2 (12,5)	1 (7,1)
Duração da dor n(%)				
3-6 meses	57 (18,3)	8 (16,0)	1 (6,3)	2 (14,3)
6-12 meses	65 (20,8)	10 (20,0)	7 (43,8)	3 (21,4)
> 12 meses	190 (60,9)	32 (64,0)	8 (50,0)	9 (64,3)
Intensidade da dor (0-10)	6,3 (1,7)	6,4 (1,6)	6,5 (1,5)	6,6 (2,1)
Absenteísmo n(%)				
Sim	121 (38,8)	23 (46,0)	10 (62,5)	6 (42,9)
Não	191 (61,2)	27 (54,0)	6 (37,5)	8 (57,1)

Tabela 1 – Características clínicas dos participantes estratificada por faixa etária (conclusão)

	18-24 anos (n=312)	25-29 anos (n=50)	30-35 anos (n=16)	>35 (n=14)
Presenteísmo n(%)				
Sim	177 (56,7)	27 (54,0)	11 (68,8)	8 (57,1)
Não	34 (10,9)	6 (12,0)	3 (18,8)	4 (28,6)
Não soube responder	101 (32,4)	17 (34,0)	2 (12,5)	2 (14,3)

Fonte: Autoria própria.

Nota: Dados contínuos expressos em termos de média e desvio-padrão. Dados categóricos expressos em porcentagem.

Tabela 2 – Características dos participantes estratifica por área de conhecimento (continua)

	Ciências Humanas (n=137)	Ciências Exatas (n=31)	Ciências Biológicas (n=224)
Queixas de dor n(%)			
Cabeça	37 (27,0)	7 (22,6)	51 (22,8)
PESCOÇO	10 (7,3)	3 (9,7)	28 (12,5)
TÓRAX	3 (2,2)	1 (3,2)	4 (1,8)
OMBRO	17 (12,4)	3 (9,7)	15 (6,7)
COTOVELO	-----	-----	-----
PUNHO E DEDOS	-----	-----	5 (2,2)
LOMBAR	43 (31,4)	9 (29,0)	79 (35,3)
QUADRIL	6 (4,4)	1 (3,2)	5 (2,2)
JOELHO	6 (4,4)	2 (6,5)	11 (4,9)
PÉ E TORNOZELO	4 (2,9)	1 (3,2)	10 (4,5)

Tabela 2 – Características dos participantes estratificada por área de conhecimento (conclusão)

	Ciências Humanas (n=137)	Ciências Exatas (n=31)	Ciências Biológicas (n=224)
Outros	11 (8,0)	4 (12,9)	16 (7,1)
Duração da dor n(%)			
3-6 meses	24 (17,5)	6 (19,4)	38 (17,0)
6-12 meses	34 (24,8)	5 (16,1)	46 (20,5)
> 12 meses	79 (57,7)	20 (64,5)	140 (62,5)
Intensidade da dor (0-10)	6,29 (1,7)	6,31 (1,7)	6,29 (1,7)
Absenteísmo n(%)			
Sim	66 (48,2)	15 (48,4)	79 (35,3)
Não	71 (51,8)	16 (51,6)	145 (64,7)
Presenteísmo n(%)			
Sim	78 (56,9)	16 (51,6)	129 (57,6)
Não	18 (13,1)	4 (12,9)	25 (11,2)
Não soube responder	41 (29,9)	11 (35,5)	70 (31,3)

Fonte: Autoria própria.

Nota: Dados contínuos expressos em termos de média e desvio-padrão. Dados categóricos expressos em porcentagem.

Tabela 3 – Características dos cursos por área de conhecimento

	Biológicas (n=224)	Humanas (n=137)	Exatas (n=31)
IES Públicas n(%)	167 (74,6)	100 (73,0)	26 (83,9)
Estratégia de EA			
Metodologias passivas n(%)	152 (67,9)	112 (81,8)	24 (77,4)
Metodologias ativas n(%)	72 (32,2)	25 (18,3)	7 (22,6)
CH curricular (horas)	4.380,3 (1.576)	3.224,0 (439)	3.636,0 (511)
Duração do curso (anos)	4,7 (0,8)	4,2 (0,4)	4,6 (0,5)
Período (semestre) n(%)			
1° ao 4°	118 (30,1)	48 (12,2)	12(3,1)
5° ao 8°	71 (18,1)	78 (19,9)	15 (3,8)
9° ao 12°	35 (8,9)	11 (2,8)	4 (1,0)

Fonte: Autoria própria.

Notas: IES: Instituições de ensino superior públicas; EA: Ensino-aprendizagem.

CH: Carga horária; Dados contínuos expressos em média e desvio-padrão. Dados categóricos expressos em porcentagem.

Análises de correlação não demonstraram associação significativa entre intensidade da dor e idade ($r=0,043$; $p=0,39$), bem como intensidade da dor e período do curso ($r=0,010$; $p=0,84$) entre os 392 universitários com queixas de dor crônica. Também não houve associação entre sexo e tempo de dor ($\chi^2=5,42$; $p=0,07$) e estratégia de ensino-aprendizagem (ativa ou passiva) e tempo de dor ($\chi^2=0,07$; $p=0,97$).

Testes t para amostras independentes demonstraram diferenças significativas entre os sexos feminino e masculino em relação à idade e à intensidade da dor. Mulheres universitárias apresentaram menor idade ($22,2\pm 4,5$ vs $23,5\pm 7,1$; $p=0,03$) e maior intensidade da dor ($6,5\pm 1,7$ vs $5,9\pm 1,5$; $p=0,003$) quando comparado aos homens universitários.

ANÁLISE EXPLORATÓRIA DE SUBGRUPOS

Análises exploratórias dos subgrupos estratificados por idade não demonstraram associação significativa entre intensidade da dor e idade, bem como intensidade da dor e período do curso. No entanto, o tempo de dor apresentou associação significativa com sexo somente no grupo mais jovem ($\chi^2=6,14$; $p=0,04$). Queixas de dor com tempo superior a 12 meses foram mais frequentes no sexo feminino (62,9%) do que no sexo masculino (55,4%). Não houve associação significativa entre estratégia de ensino-aprendizagem (ativa ou passiva) e tempo de dor em nenhum grupo etário.

Testes t para amostras independentes demonstraram intensidades de dor significativamente maiores em mulheres somente no grupo mais jovem (EAN=6,4±1,7 vs 5,8±1,5; $p=0,005$).

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo estimar a prevalência de dor crônica em estudantes universitários. Discentes de quatro instituições de ensino (públicas e privadas) da cidade de Parnaíba/PI responderam ao questionário *online* sobre queixas de dores com características de cronicidade. De acordo com a revisão, este é o primeiro estudo observacional do tipo transversal a avaliar a prevalência de dor crônica e sua associação com estratégias de ensino-aprendizagem em uma amostra substancial de universitários brasileiros. Os resultados encontrados mostraram alta prevalência de dor crônica (55,8%), mais frequente no sexo feminino e com características temporais (>12 meses) e magnitudes (EAN>6) clinicamente importantes. Os locais de maior queixa de dor foram à região lombar (33,4%), cabeça (24,2%) e cervical (10,3%). Estes resultados foram ainda acompanhados de altas taxas de absenteísmo e de presenteísmo, independentemente de faixa etária ou área de conhecimento. No entanto, não houve associação entre estratégia de ensino-aprendizagem e tempo de dor, mesmo em universitários com mais de 12 meses de queixa.

Estudos prévios verificaram altas taxas de prevalência de dores crônicas em estudantes de medicina (64,4%) (SILVA *et al.*, 2017) e de enfermagem (59,7%) (SILVA *et al.*, 2011), bem como de dor lombar em discentes da área da saúde (57%) (ALFIERI *et al.*, 2016). Estima-se que 7% a 40% da população mundial sofra de dor crônica. Nos Estados Unidos a prevalência de dor crônica é de 30,7% (JOHANNES *et al.*, 2010), na Europa a prevalência foi de 19% (BREIVIK *et al.*, 2006) e no sul da Austrália 17,9% (CURROW *et al.*, 2010).

No Brasil, no entanto, há poucos estudos de prevalência com taxas variando de 4,2 (SILVA; FASSA; VALLE, 2004) a 42% (CABRAL *et al.*, 2014). A alta prevalência de dor crônica na população universitária, com taxas superiores à população adulta, indica a necessidade urgente de ações de promoção e prevenção de dores crônicas na comunidade acadêmica.

Considerando os universitários, uma população jovem e, teoricamente, saudável, os resultados encontrados também indicam a necessidade de estudos que abordem possíveis causas e fatores associados. Embora a causa não esteja totalmente compreendida, mudanças no estilo de vida, como ganho de peso (SERLACHIUS; HAMER; WARDLE, 2007), estresse físico, mental, bem como o uso de smartphones (ALMHDAWI *et al.*, 2017) são importantes fatores associados.

O ambiente universitário, caracterizado pela alta competitividade, sobrecarga de estudo, longos períodos em posições quase-estáticas, ausência de suporte familiar, dificuldades financeiras, preocupações com o futuro ou insatisfação com a escolha profissional pode ser um importante gatilho para sensação e persistência da dor.

Embora faixas etárias maiores e períodos mais avançados do curso sejam sugestivos de maior queixa de dor, nossos resultados não mostraram relação significativa entre idade e período do curso e intensidade da dor, bem como intensidade da dor e estratégia de ensino-aprendizagem. Estudos prévios também não encontraram associação entre dor crônica e período do curso em estudantes de enfermagem brasileiros (SILVA *et al.*, 2011) e entre prevalência de desordem musculoesquelética e anos de estudo em estudantes de enfermagem japoneses (SMITH *et al.*, 2003).

Estes achados sugerem que o ambiente acadêmico em si, e não o tempo de curso ou idade, pode influenciar na magnitude da dor referida pelos estudantes. As queixas de dores encontradas foram mais frequentes no sexo feminino, em linha com estudos realizados anteriormente (ALMHDAWI *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2011).

Embora as diferenças entre homens e mulheres não estejam totalmente compreendidas, é possível que fatores hormonais, puberdade, status reprodutivo e ciclo menstrual alterem o limiar e percepção de dor. Além disso, diferenças na prevalência de doenças crônicas, com predomínio no sexo feminino também pode estar relacionado. A socialização de gênero é outro fator que pode explicar o maior relato de dor em mulheres, no qual homens e mulheres culturalmente apresentam percepções de dor diferente, sendo os homens encorajados a omitir e as mulheres a relatarem a dor (MYERS; RILEY; ROBINSON, 2003).

O local de dor mais frequente foi a região lombar, o que pode estar associado com a sobrecarga de peso imposta a esta região, devido a atividades acadêmicas que demandam longos períodos de tempo em posturas corporais inadequadas (SILVA *et al.*, 2017). O segundo lugar de maior frequência de dor foi a cabeça, tendo como possíveis fatores desencadeantes o tempo médio de estudo diário, tarefas extracurriculares, estresse, privação do sono e inatividade física, assim como mudanças de hábitos como tabagismo, consumo de álcool e café (ZHANG *et al.*, 2015). Por fim, a região cervical foi a terceira localização de maior queixa de dor, e assim como nos indivíduos adultos, pode estar relacionada a fatores psicológicos como ansiedade e depressão (ELBINOUNE *et al.*, 2016). Dada às características multidimensionais da dor, vários fatores podem estar relacionados à percepção, ao processamento, ao enfrentamento e à persistência. Embora não tenham sido avaliados neste estudo, as altas taxas de prevalência de depressão (IBRAHIM *et al.*, 2013), insônia (JIANG *et al.*, 2015), sedentarismo (LANSINI *et al.*, 2017), cefaleia (FALAVIGNA *et al.*, 2010), na população universitária podem ser importantes agentes causais ou potencializadores do processo de cronificação da dor.

O absenteísmo e o presenteísmo relacionados à dor crônica refletem um importante problema, pois, grande parte dos entrevistados deixou de ir à instituição de ensino (40,8%) e a maioria afirmou que a sensação de dor interfere negativamente no desempenho de suas atividades acadêmicas (56,9%). Dado que a população universitária é relativamente jovem, funcionalmente ativa e a futura força de trabalho de um país, é preocupante estes índices de prevalência e consequente absenteísmo e presenteísmo. Neste contexto, a alta prevalência de dor crônica nos estudantes representa um importante problema de saúde pública e um grande desafio à comunidade acadêmica, dado o impacto negativo da dor crônica na qualidade de vida destes futuros profissionais.

Diferenças no tamanho amostral entre os grupos estratificados por faixa etária podem ter influenciado nos resultados das análises de subgrupos. Variáveis não analisadas previamente podem ter influenciado nos resultados, como por exemplo, sintomas de depressão e ansiedade, hábitos e vícios, uso de medicamentos, quantidade de horas de estudo diário, participação em outras atividades de ensino ou atividades laborais concomitantes.

Os resultados encontrados mostraram alta prevalência de dor crônica, mais frequente no sexo feminino e na região lombar, com magnitudes clinicamente importantes. A população universitária apresenta alta taxa de absenteísmo e de presenteísmo relacionada às queixas de dor, porém sem associação da dor com a estratégia de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALFIERI, F. M. *et al.* Prevalência de dor lombar em universitários da saúde e sua relação com estilo de vida e nível de atividade física. **Revista Inspirar: Movimento & Saúde**, Curitiba, v. 11, n. 4, p. 27-31, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.inspirar.com.br/revista/prevalencia-de-dor-lombar-em-universitarios-da-saude-e-sua-relacao-com-estilo-de-vida-e-nivel-de-atividade-fisica/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

ALMHDAWI, K. A. *et al.* Musculoskeletal pain symptoms among allied health professions' students: prevalence rates and associated factors. **Journal of Back and Musculoskeletal Rehabilitation**, Amsterdam, v. 30, n. 6, p. 1291-1301, Nov. 2017. DOI: <https://doi.org/10.3233/bmr-169669>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28946521/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

ALSHAYHAN, F. A.; SAADEDDIN, M. Prevalence of low back pain among health sciences students. **European Journal of Orthopaedic Surgery & Traumatology**, Paris, v. 28, n. 2, p. 165-170, Feb. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00590-017-2034-5>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28856452/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

BREIVIK, H. *et al.* Survey of chronic pain in Europe: prevalence, impact on daily life, and treatment. **European Journal of Pain**, London, v. 10, n. 4, p. 287-333, May 2006. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ejpain.2005.06.00>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16095934/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

CABRAL, D. M. C. *et al.* Chronic pain prevalence and associated factors in a segment of the population of Sao Paulo City. **The Journal of Pain**, Philadelphia, v. 15, n. 11, p. 1081-1091, Nov. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpain.2014.07.001>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25038400/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

CRAWFORD, R. J. *et al.* Higher low back and neck pain in final year Swiss health professions' students: worrying susceptibilities identified in a multi-centre comparison to the national population. **BMC Public Health**, California, v. 18, n. 1188, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-018-6105-2>. Disponível em: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-018-6105-2>. Acesso em: 28 ago. 2022.

CURROW, D. C. *et al.* Chronic pain in South Australia: population levels that interfere extremely with activities of daily living. **Australian and New Zealand Journal of Public Health**, Canberra, v. 34, n. 3, p. 232-239, June 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1753-6405.2010.00519.x>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20618262/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

ELBINOUNE, I. *et al.* Chronic neck pain and anxiety-depression: prevalence and associated risk factors. **The Pan African Medical Journal**, Kampala, v. 24, n. 89, May 2016. DOI: <https://doi.org/10.11604/2Fpamj.2016.24.89.8831>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5012832/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

FALAVIGNA, A. *et al.* Increased prevalence of low back pain among physiotherapy students compared to medical students. **European Spine Journal**, Switzerland, v. 20, p. 500-505, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00586-010-1646-9>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00586-010-1646-9>. Acesso em: 28 ago. 2022.

FALAVIGNA, A. *et al.* Prevalence and impact of headache in undergraduate students in Southern Brazil. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 68, n. 6, p. 873-877, dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X2010000600008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/dRWdFyWFdJ3Pmr6BS98SjZR/?lang=en#>. Acesso em: 28 ago. 2022.

IBRAHIM, A. K. *et al.* A systematic review of studies of depression prevalence in university students. **Journal of Psychiatric Research**, Oxford, v. 47, n. 3, p. 391-400, Mar. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2012.11.015>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23260171/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

JACKSON, T. *et al.* Prevalence of chronic pain in low-income and middle-income countries: a systematic review and meta-analysis. **Lancet**, London, n. 385, suppl. 2, S10, Apr. 2015. DOI: [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(15\)60805-4](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(15)60805-4). Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26313056/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

JIANG, X.-L. *et al.* A systematic review of studies on the prevalence of insomnia in university students. **Public Health**, v. 129, n. 12, p. 1579-1584, Dec. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2015.07.030>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26298588/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

JOHANNES, C. B. *et al.* The prevalence of chronic pain in United States adults: results of an internet-based survey. **The Journal of Pain**, Philadelphia, 11, n. 11, p. 1230-1239, Nov. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpain.2010.07.002>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20797916/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

KRELING, M. C. G. D.; CRUZ, D. de A. L. M. da; PIMENTA, C. A. de M. Prevalência de dor crônica em adultos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 59, n. 4, p. 509-513, ago. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000400007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/JTJhBrgCTsMYjPhKxK6tbXN/?lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2022.

KUEHN, B. Chronic pain prevalence. **JAMA**, Chicago, v. 320, n. 16, p. 1632, Oct. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1001/jama.2018.16009>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30357307/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

LANSINI, L. C. *et al.* Nível de sedentarismo entre estudantes universitários do Rio Grande do Sul e os possíveis fatores associados. **O mundo da Saúde**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 267-274, jul./set. 2017. DOI: <https://10.15343/0104-7809.20174103267274>. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/190>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MERSKEY, H.; BOGDUK, N. **Classification of Chronic Pain**. 2. ed. Seattle: IASP Task Force on Taxonomy, 1994. Disponível em: <http://www.iasp-pain.org/Education/content.aspx?ItemNumber=1698>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MORAIS, M. L.; SILVA, V. K. O.; SILVA, J. M. N. da. Prevalência e fatores associados a dor ombro em estudantes de fisioterapia. **BrJP**, v. 1, n. 3, p. 241-247, jul./set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20180047>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/f5vpqTKLsQpgQJjnc7jm3Jw/?lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MORETTI, F. A.; HÜBNER, M. M. C. O estresse e a máquina de moer alunos do ensino superior: vamos repensar nossa política educacional? **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n. 105, p. 258-267, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000300003. Acesso em: 28 ago. 2022.

MYERS, C. D.; RILEY, J. L. III; ROBINSON, M. E. Psychosocial contributions to sex-correlated differences in pain. **The Clinical Journal of Pain**, [New York], v. 19, n. 4, p. 225-232, July Aug. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1097/00002508-200307000-00005>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12840616/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

PÁDUA, G. D. “Esses professores precisam de reciclagem”: a avaliação dos estudantes da UFU sobre as práticas didático-pedagógicas dos docentes. **Diversa Prática**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 135-152, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/diversapratica/article/view/19629>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SERLACHIUS, A.; HAMER, M.; WARDLE, J. Stress and weight change in university students in the United Kingdom. **Physiology & Behavior**, Oxford, v. 92, n. 4, p. 548-553, Nov. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2007.04.032>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17537466/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SILVA, A. L. e *et al.* Prevalência de dor crônica e fatores associados em estudantes de medicina.. **Revista Dor**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 108-111, abr./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5935/1806-0013.20170022>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdor/a/K8zhPbfFH6kCk3SG9Lstg6r/?lang=pt#>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SILVA, C. D. da *et al.* Prevalência de dor crônica em estudantes universitários de enfermagem. **Texto & Contexto: Enfermagem**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 519-525, set. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072011000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/zrdCFHfPQr7w5947t9YWCvz/?lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SILVA, M. C. da; FASSA, A. G.; VALLE, N. C. J. Dor lombar crônica em uma população adulta do Sul do Brasil: prevalência e fatores associados.

Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 377-385, abr.

2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000200005>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/RMYwwmGZ5dHRwxk4b76xN8R/?lang=pt>.

Acesso em: 28 ago. 2022.

SMITH, D. R. *et al.* Musculoskeletal disorders self-reported by female nursing students in central Japan: a complete cross-sectional survey.

International Journal of Nursing Studies, Oxford, v. 40, n. 7, p. 725-729,

Sep. 2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/s0020-7489\(03\)00012-9](https://doi.org/10.1016/s0020-7489(03)00012-9).

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12965164/>. Acesso em:

28 ago. 2022.

TREEDE, R.-D. *et al.* Chronic pain as a symptom or a disease: the IASP

Classification of Chronic Pain for the International Classification of

Diseases (ICD-11). **Pain**, Amsterdam, v. 160, n. 1, p. 19-27, Jan. 2019. DOI:

<https://doi.org/10.1097/j.pain.0000000000001384>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30586067/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

VASCONCELOS, F. H.; ARAÚJO, G. C. de. Prevalência de dor crônica no

Brasil: estudo descritivo. **BrJP**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 176-179, abr./jun.

2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20180034>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/brjp/a/wVVtLWT9847X8MNBgtstM8h/?lang=pt>.

Acesso em: 28 ago. 2022.

ZHANG, Y. *et al.* A cross sectional study between the prevalence of chronic

pain and academic pressure in adolescents in China (Shanghai). **BMC**

Musculoskeletal Disorders, United Kingdom, v. 16, n. 219, 2015. DOI:

<https://doi.org/10.1186/s12891-015-0625-z>. Disponível em:

<https://bmcmusculoskeletdisord.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12891-015-0625-z>.

Acesso em: 28 ago. 2022.